

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

JULIANO MOREIRA: O PRIMEIRO DIVULGADOR DA PSICANÁLISE NO BRASIL E A CONTRAPOSIÇÃO COM O PROJETO NACIONAL

ANA KARINA CORDEIRO ALVES SORRENTINO¹

A consolidação da psicanálise brasileira, no início do século XX, é alvo de muitas controvérsias, afinal o significado dos seus conceitos e metodologias foram moldados a um discurso de nação da recém-formada República brasileira. Em contraposição, no mesmo período de sua abrangência, o médico psiquiatra Juliano Moreira se aproxima da teoria freudiana, sendo considerado o primeiro profissional da área a lidar e divulgar a psicanálise (TORQUATO, 2015, p. 56). Há inclusive uma hipótese, ainda pouco explorada pela historiografia, que o considera já como um psicanalista, porém é necessário realizar um estudo mais aprofundado que dê provas suficientes para ser sustentada esta afirmação. Dessa forma, o que visou analisar neste artigo é o perfil de Juliano, frente as ideias de “degeneração da raça”, já que a questão dos alienados não era vista por ele como um problema atribuído a mestiçagem. Além disso, também quero situar como se deu, num primeiro momento, a aceitação da psicanálise no Brasil e os seus desdobramentos no contexto da Primeira República.

Sendo assim, creio ser importante começar pela seguinte questão: Quem foi Juliano Moreira? Para responder esta pergunta, me utilizo de autores que sustentam as afirmações a seguir, me situando também pela análise de áreas que lidam com a psicanálise, como a psicologia e a psiquiatria.

O médico psiquiatra Juliano Moreira, nascido em 1873 na capital baiana, é conhecido no meio acadêmico como um dos pioneiros da psiquiatria do Brasil. Era filho de Galdina Joaquina do Amaral e, mais tarde, perfilhado por Manoel do Carmo Moreira Júnior. Faleceu aos sessenta anos de idade decorrente de um caso avançado de tuberculose, no qual enfrentou durante grande parte da sua vida. Juliano morreu em Petrópolis no dia 2 de maio de 1933.

Aos treze anos de idade, Juliano ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, graduando-se cinco anos depois com a tese “*Sífilis maligna precoce*”. Também conseguiu o cargo de professor substituto na mesma instituição, por ser responsável pela seção de doenças

¹ Graduanda de história pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nervosas e mentais (ODA; DALGALARRONDO, 2000, p. 178). Possuía muita experiência nos asilos e cursos vinculados à sua área de atuação, em decorrência dos anos que viveu na Europa, passando por países como: Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Escócia.

Em 1903, passou a dirigir o Hospício Nacional de Alienados e se tornou, posteriormente, Diretor Geral de Assistência a Alienados, exercendo a tal função até a década de 1930 (CASTRO, 2014, p. 38). O médico foi importante nesta Instituição, por propor uma análise dos alienados um tanto inédita para o modelo vigente da época. No mesmo local, Juliano também recebeu internos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo contato com diversas especialidades da sua profissão, como a psiquiatria e a neurologia.

Juliano foi um dos mais importantes homens da ciência da Primeira República, tendo uma carreira consolidada e bem reconhecida pela sua profissão. O estudioso se dedicou a produzir conhecimento científico sobre a área neuropsiquiátrica, a partir do estudo dos mais variados campos, podendo ser citado os modelos assistenciais, a psicopatologia, a psiquiatria clínica, a psiquiatria comparada e a nosografia. Uma das obras escrita por ele intitula-se *Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil* e será abordada ao longo dessa pesquisa.

Mestiço de família humilde baiana, Juliano Moreira inaugurou a disciplina psiquiátrica brasileira, se aventurou pelos primórdios da teoria de Freud e ainda questionou a ideia que se tinha dos alienados mentais. Além disso, sua formação como médico psiquiatra se desenvolveu numa época em que a psicanálise ainda não estava consolidada nem na própria Europa; logo, citar Freud e empregar os posicionamentos acerca do inconsciente realmente foi de extrema inovação para a ciência brasileira.

A hipótese, que deve ser mencionada, engloba a premissa de que Juliano Moreira foi um dos primeiros psicanalistas brasileiros. O historiador Julio Porto-Carrero (1929) aponta que ele foi pioneiro na difusão das teses freudianas, realizando comentários sobre essa ciência do inconsciente ainda na Faculdade de Medicina da Bahia (apud TORQUATO, 2015, p. 56). Em relação a tese de Genserico Aragão de Souza Pinto, intitulada *Da psicoanálise: a sexualidade nas nevroses*, há uma breve menção a Juliano, na parte em que ele agradece ao “notável psiquiatra e psicanalista, prof. Juliano Moreira, pelo grande interesse que tomou pelo trabalho” (PINTO, 1914, p. 191). Genserico, na mesma tese, também analisa um caso clínico e vertiginoso atendido pelo médico e relata:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O professor Juliano Moreira estabeleceu o tratamento psicanalítico e a doente acha-se em via de cura. O presente caso, no qual apareceu também a amaurose [cegueira histérica], é verdadeiramente interessante e mostra o grande valor da psicanálise. De fato, se não fosse a orientação freudiana do prof. Moreira, jamais ele poderia, com tanta rapidez e tanta segurança, desvendar a causa e a natureza do mal, mormente em casos como este em que (esqueci-me de dizer-lo) não há nenhum antecedente histérico (PINTO, 1914, p. 256)

De fato, este relato descrito é proferido por Genserico e não pelo próprio Moreira, porém é importante citá-lo para ser considerado que haviam cientistas da primeira metade do século XX que também o viam como um psicanalista e não apenas como um profissional da psiquiatria. Mesmo assim, esta citação anterior ainda não dá um embasamento profundo para se afirmar tal atribuição, afinal é necessário levar em consideração se o próprio também se via como percussor da ciência freudiana no Brasil. Dito isto, deve-se ponderar tal hipótese para alavancar futuros estudos da historiografia.

Possuo o intuito de analisar o perfil de psicanalista do médico Juliano Moreira, já que existe a hipótese de que o mesmo realmente exerceu tal função ou se apenas a inseriu no contexto brasileiro da época. Segundo a psicóloga Jane A. Russo, era comum na “pré-história da psicanálise” a concepção de que qualquer estudioso poderia empregá-la, já que ainda não existia uma comunidade estruturada de psicanalistas (RUSSO, 1998, p. 86). Cristiana Facchinetti (2001), partindo dessa perspectiva, menciona que o próprio Juliano Moreira se enquadra nessa retórica, afinal, segundo a autora, ele nunca se afirmou como um praticante nato da ciência freudiana.

Creio ser importante citar estas duas perspectivas de análise como parte do diálogo de produção do saber, porém também tomo cuidado de esclarecer que me aproximo mais da hipótese que o vê como o primeiro psicanalista brasileiro da Primeira República. Na verdade, diria até que meu intuito é realizar um estudo aprofundado, que dê fundamento a teoria de que Juliano realmente foi um percussor da ciência freudiana no Brasil. Será uma forma de contradizer as abordagens da história da ciência que refutam a tal atribuição mencionada.

Sendo o primeiro psicanalista ou não, vale dizer que Juliano Moreira exerceu um importante papel para a ciência brasileira. Em suma:

O que podemos afirmar com o apoio de fontes documentais é que Juliano Moreira foi, de fato, um dos primeiros psiquiatras brasileiros a se debruçar sobre a psicanálise, sendo esta, objeto de estudos e debates desde 1910 na Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal (CASTRO, 2014, p. 41).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Afinal, o que quero mostrar com esse artigo? Pelo que observei, infelizmente há pouca leitura sobre o assunto. Com um certo cuidado, resolvi usar como base alguns conceitos da teoria freudiana para dar fundamento ao que venho propor. Aqui explicarei o que é id, ego e superego para adentrar, assim, nas controvérsias das ideias modernizantes e excludentes da nação.

Não há como estudar psicanálise sem se apropriar e entender os conceitos utilizados por essa ciência, afinal eles dão a estrutura fundamental para o aparecimento do conhecimento freudiano, ainda no final do século XIX. Sendo assim, creio ser importante salientar que os conceitos psicanalistas serão empregados por mim, porque são categorias essenciais de análise para ser compreendido o modelo ou a maneira da psicanálise a ser aplicada por Juliano Moreira. Para isso, deve ser levado em consideração que “a Psicanálise significa, também, percorrer, no nível pessoal, a experiência inaugural de Freud” (BOCK, 2001, p. 93), pois seus primórdios são da mesma época em que Juliano atuava como médico e, posteriormente, como diretor do Hospício Nacional de Alienados.

O conceito de psicanálise para Freud é:

o nome de um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (FREUD, 1923 [1976], p. 287).

Esse tratamento de histerias ou método de realizar ciência era resumido aqui no Brasil, a partir da ideia de id, ego e superego. Segundo Luciana Cavalcante Torquato (2015), a própria psiquiatria local se apropriava da psicanálise para auxiliar o controle daquilo que seria o “não-racional” como consequência do id primitivo dos excluídos do projeto de nação do Brasil República.

Este “eu” primitivo, bárbaro, selvagem, é o “homem-instinto”. A isto deu Freud o nome do vocábulo latino “id”. “Id” é, pois, uma fonte de energia derivada dos instintos. É este “id” que vive em constantes agressões ao “eu”, ao nosso segundo “eu”, o “eu” moral, o “eu” que a educação edificou. Mas este “eu”, ou melhor, “ego”, no curso do seu desenvolvimento, separa-se em uma parte mais profunda para viver em íntimo contato com o “id”. Esta parte toma aí o nome de “superego” (SILVA, 1933, p. 130-131)

Vale comentar que a maneira de empregar ou de se apropriar do conceito de id fundamenta uma premissa contrária ao próprio Freud. É curioso pensar que o contexto brasileiro

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

da Primeira República se encarregou até de reformular conceitos simples, de uma ciência nova que para muitos era um tanto desconhecida. Muitas vezes essa característica enraizada é mais atribuída aos escritores e políticos do início do século XX, por se preocuparem com o ideal de nação que tanto se queria alcançar (PEREIRA, 2015, p. 108). No entanto, afirmo aqui que esta preocupação também estava na ciência, e por esta razão a psicanálise passa a ser, num primeiro momento, aceita no Brasil e ligada um tipo de medida higienista em vigor (TORQUATO, 2015, p. 55).

A preocupação se dava pelo que se chamava “degeneração da raça nacional”, vinculada a ideia de miscigenação por não haver uma raça branca pura, de modelo civilizado europeu. Deveria ser dominada a imagem de barbárie discutida para ser mantida a ordem, a unidade e a civilização, como um elo de inserção com o mundo europeu (MOTTA, 2004, p. 16). Esta barbárie é usada pela ciência num contexto onde a doença passava a ser identificada cada vez mais como um dos laços constituintes da sociedade brasileira da Primeira República (HOCHMAN, 1998, p. 40), atribuindo-a ao alienado e marginalizado da cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, era vinculada a ideia de id primitivo a todos aqueles que eram negros e miscigenados por não corresponderem ao modelo civilizado que se almejava à nação brasileira, sendo até uma espécie de Darwinismo Social. O id é sinônimo de desejo primitivo como algo intrínseco e incontrolável da irracionalidade, ligado assim a personificação do alienado. No caso, é o contexto da época que o emprega de uma forma um tanto distinta da concepção do próprio Freud.

O mesmo acontece com o conceito de ego e superego civilizado. Deve-se considerar que a medida higienista não se dá apenas com vacina obrigatória ou com as reformas urbanísticas promovidas pelo prefeito Pereira Passos, ela se desenvolve até na reformulação dos três tais conceitos. Ego civilizado é agir pela razão por domar a natureza primitiva do homem; logo tê-lo significaria que a pessoa se aproxima do que se almeja como perfil necessário do brasileiro.

Como disse anteriormente, a formulação dos conceitos freudianos vinculados a um discurso de nação, nada mais é que uma “solução” aos problemas do Brasil, na virada no século XIX ao XX. A recém-formada República, por exemplo, era vista como um objeto de frustração para as expectativas daqueles que viam, desde a década de 1870, o Manifesto Republicano

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como uma alternativa para a conjuntura do Império brasileiro (RESENDE, 2008, p. 93). A frustração também se dava com a abolição da escravatura; não por ter se dado um fim na escravidão e sim pelo tipo de perfil social que o Brasil detinha. A ideia nacionalista vinha assim, com o intuito de formar um país aos moldes europeus, com um imaginário nacional moderno e civilizatório.

É neste contexto que a psicanálise aparece no Brasil, sendo ligada a abordagens nacionalistas e até um tanto excludentes. É necessário notar que a teoria psicanalítica estava sim vinculada a um projeto de nação, passando esta ideia através dos elementos já citados acima. De fato, ela não foi a responsável pela ideia, apenas exerceu um meio para a circulação desse imaginário planejado; até porque era vista como uma solução para se entender “os distúrbios do homem brasileiro” e para “o ideário moderno almejado”. (TOQUARTO, 2015, p. 55). Indo mais além, até “a análise histórica das tecnologias psicoterapêuticas” é apontada como o sinônimo de um “projeto de nação que o Estado brasileiro estava buscando implementar no início do século XX no Brasil” (FACCHINETTI, 2018, p. 1114).

Mesmo sendo psiquiatra e o pioneiro da teoria freudiana no Brasil, o médico analisado não utilizava a psicanálise da mesma maneira que os seus contemporâneos. Muito pelo contrário, segundo Ana Maria Galdini Raimundo Oda e Paulo Dalgalarro, Juliano discordava da ideia atribuída a mestiçagem e não correlacionava os problemas mentais a preconceitos embutidos de sua época (ODA; DALGALARRONDO, 2000, p. 178). Sendo assim, até a questão dos alienados para o psiquiatra passou a ter uma nova e diferente abordagem, por ele ser contra “as teses raciais e climáticas” como causa das doenças psiquiátricas (CASTRO, 2014, p. 39).

A obra *Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil*, de Juliano Moreira, é um exemplo que dá fundamento a esta aversão das teses raciais. Escrita em 1905, a mesma foi publicada cinco anos depois da primeira aparição do livro *A Interpretação dos Sonhos*, de Sigmund Freud e ainda serviu como crítica ao tratamento utilizado nos distúrbios mentais. Uma parte que creio ser importante citar é quando o autor se pronuncia, sendo nitidamente contrário as ideias de “degeneração da raça”:

Perdoada seja esta suposta digressão cujo fim foi: primeiro, mostrar que à má natureza dos elementos formadores de nossa nacionalidade deve-se a nossa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

vasta degenerescência física, moral e social que injustamente se tem ligado ao único fato da mestiçagem (MOREIRA, 1905, p. 730).

Esta citação acima é apenas um breve esboço da crítica de Juliano. Poderia ter extraído outros fragmentos do texto, porém essa em específico consegue cumprir o exemplo que eu precisava para argumentar sobre o posicionamento contrário de Juliano. O que chama atenção é justamente a palavra mestiçagem, afinal ele mesmo era mestiço de família humilde. Sendo assim, não era viável para ele defender uma tese racial e antagônica com sua própria realidade. Médico, psiquiatra, neurologista e adorador da psicanálise, Juliano Moreira era um homem do seu tempo, tendo em si uma historicidade intrínseca. Contudo, suas críticas ao nacionalismo e as ideologias civilizatórias chamaram a minha atenção.

A tal obra, por mim citada, também realiza um posicionamento referente ao tratamento em que muitos internos eram submetidos e ainda analisa os casos do Distrito Federal, São Paulo, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, Pará, Amazonas, Maranhão, Ceará, Paraíba, Alagoas, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Goiás, Piauí e Mato Grosso. Na verdade, ao ser observado esses casos, percebe-se que Juliano tem o cuidado de criticar a situação que muitos alienados viviam, seja na assistência ou na situação dos Hospícios. Sendo assim, ele realmente se perpetua por uma análise em que vê os distúrbios mentais como sintomas históricos a se combater, muitas vezes oriundos do alcoolismo, da sífilis, das verminoses e das condições sanitárias e educacionais (ODA; DALGALARRONDO, 2000, p. 178).

O último aspecto importante a se comentar é que a posição de Juliano Moreira era minoritária entre os contemporâneos de sua época. Diria até que um tanto única e distinta para o contexto da recém-formada República brasileira, afinal a ciência do início do século XX também circundava medidas higienistas e raciais do que vinha a ser a tentativa de nação ideal.

Levando-se em consideração os elementos observados, o que deixo aqui neste artigo é apenas uma parte do que venho pesquisando. Em suma, ainda há lacunas que precisam ser preenchidas, porque ainda não houve um estudo profundo, realizado pela historiografia, que desse cargo de responder às mesmas. Sendo assim, busco dizer que a história da psicanálise no Brasil precisa de novas abordagens e textos produzidos, afinal ela também foi importante para a história brasileira.

Espero assim ter contribuído para este estudo em específico.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências Bibliográficas

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

CASTRO, Rafael Dias de. **A sublimação do “id primitivo” em “ego civilizado”: o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)**. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014. 231 f.

FACCHINETTI, Cristiana. **Deglutindo Freud, histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil**. Teses (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

FACCHINETTI, Cristiana. História das Psicoterapias e da Psicanálise: o caso do Rio de Janeiro. **Est. pesqi. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1106-1117, 2018.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação de Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Gilberto, HOCHMAN. **A era do saneamento**: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.

MOREIRA, Juliano. Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil. **Archivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Sciencias Affins**, vol. 1, n. 1, p. 52-98, 1905.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MOTTA, Marly. **Rio, Cidade-Capital**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. **Rev. Bras. Psiquiatr.** 2000; 22 (4): 178-9.

OLIVEIRA, William Vaz de. **A assistência a alienados na capital federal da Primeira República: Discursos e práticas entre rupturas e continuidades**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Uma Capital toda prosa: A invenção da belle époque carioca**. Rio de Janeiro, SME, 2015.

PINTO, Genserico Aragão. **Da psicoanálise: a sexualidade das neuroses**. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1914.

PORTO-CARRERO, Julio. **Ensaio de psicanálise**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1934.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. **O processo político na Primeira República e o Liberalismo Oligárquico**. In: NEVES, L. A.; FERREIRA, J.. (Org.). O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente. Belo Horizonte: Civilização Brasileira, 2003, v. V.1, p. 89-120.

RUSSO, Jane A. Raça, Psiquiatria e Medicina-Legal: Notas sobre a “pré-história” da Psicanálise no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 85-102, out. 1998.

SILVA, G. P. D. **Crime e psico-análise**. Rio de Janeiro: Marisa Editora, 1933.

TORQUATO, Luciana Cavalcante. História da Psicanálise no Brasil: Enlaces entre o discurso freudiano e o projeto nacional. **Revista de Teoria da História**. Ano 7, Volume 14, Número 2, Novembro/ 2015.